

## **A cobertura jornalística do meio ambiente no jornal Gazeta do Iguaçu<sup>1</sup>**

Ms Sonia Cristina Poltronieri Mendonça<sup>2</sup>

Centro Universitário Dinâmica das Cataratas (UDC), Foz do Iguaçu (PR)

### **Resumo**

Este trabalho pretende analisar a cobertura jornalística do meio ambiente, identificando as marcas discursivas por meio das quais se manifesta a enunciação. Através da análise das matérias publicadas pelo jornal Gazeta do Iguaçu durante o mês de março de 2014 de Foz do Iguaçu, é nosso objetivo identificar quais são os temas e os discursos construídos nas matérias jornalísticas de conteúdo ambiental, bem como analisar se o conteúdo produzido se enquadra nos pressupostos e características do jornalismo ambiental. Como objetivos específicos, se propõe identificar as marcas discursivas e os enunciadores dos discursos. Entendemos ainda que através do exame dos verbos poderemos identificar o gênero jornalístico predominante na reportagem impressa do referido veículo de comunicação, além de contribuir na reflexão sobre a prática cotidiana na cobertura jornalística do meio ambiente.

**Palavras-chave:** Jornalismo, Meio Ambiente, Discurso, Jornalismo Ambiental.

### **1. Introdução**

O discurso jornalístico caracteriza-se pela aptidão de incorporar e mediar os discursos de vários protagonistas dos processos sociais. Os jornais são palco privilegiado para o jogo entre poderes, que revela escolhas políticas e distorções na prática do jornalismo atravessado por um campo de disputas. Entre o fato e a versão que se publica em qualquer veículo de comunicação, há a mediação de vários jornalistas (e até da cúpula diretiva da empresa) que carregam consigo toda uma formação cultural, eventualmente opiniões muito firmes a respeito do próprio fato que estão testemunhando. Por isso, não é difícil constatar que os envolvidos na preparação do produto notícia, de forma direta ou indireta, desde a sua captação, elaboração, diagramação até a edição, influenciam na apresentação final do texto jornalístico.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Interfaces Comunicacionais/ Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Linguagem e Sociedade/Letras (Unioeste-PR), Professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da UDC, e-mail: soniapoltronieri@gmail.com

O interesse em estudar a construção do discurso sobre o meio ambiente no único jornal local diário de Foz do Iguaçu – A Gazeta do Iguaçu - tem como objetivo contribuir na reflexão sobre a prática do jornalismo em relação a uma temática de grande importância na vida das pessoas, além de cumprir uma das funções do pesquisador social: pensar e discutir a realidade social, em especial as situações que dizem respeito à comunidade local e regional.

A pesquisa realizada tem como objetivo responder as seguintes questões: quais são os principais temas das matérias jornalísticas de conteúdo ambiental? Tais matérias contribuem para a cidadania no meio ambiente? De que forma o discurso é construído nas matérias jornalísticas de conteúdo ambiental? As matérias se enquadram nos pressupostos e características do jornalismo ambiental? Como objetivos específicos, se propõe identificar as marcas discursivas e os enunciadores dos discursos.

Para realizar este estudo escolhemos o jornal Gazeta do Iguaçu, único jornal diário impresso com ampla circulação em Foz do Iguaçu. Lançado em novembro de 1988, a publicação não tem uma editoria específica de meio ambiente e o assunto é abordado pela editoria geral. Nossa pesquisa compreende uma amostra das edições do mês de março de 2014. Ao todo foram analisados 27 exemplares e as matérias que tratam de temáticas relacionadas ao meio ambiente.

Para atingirmos os objetivos pretendidos, utilizamos de pesquisa bibliográfica e documental da amostra dos jornais. A metodologia da análise do discurso jornalístico se fundamenta de acordo com Bakhtin (2004), Muñoz (1999), Rossi (2000) e Thompson (2002). Os autores Berna (2008), Bueno (2008), Capra (1996), Gelós (2008) e anotações pessoais sobre Jornalismo e Meio Ambiente, em disciplina do Programa de Pós-graduação em Comunicação, ministrada pela professora Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), fundamentam o capítulo sobre o jornalismo ambiental.

## **2. Jornalismo Ambiental**

Para a elaboração deste artigo consideramos a perspectiva teórica da ecologia profunda de Capra (1996), também conhecida como visão de mundo holística ou visão ecológica, pois é uma das premissas do jornalismo ambiental. Para Capra, um dos mais importantes ensinamentos da abordagem sistêmica da vida é o reconhecimento de que as

redes constituem o padrão básico de organização de todos os sistemas vivos. Nessa perspectiva, todas as formas de vida importantes e integrantes de uma teia de relações e Capra (1996) “reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos”.

Neste contexto, a prática do jornalismo ambiental é antes de tudo jornalismo e deve ter compromisso com o interesse público, com a democratização do conhecimento e do debate para uma cidadania ambiental nos diferentes setores da sociedade. Trata-se de uma especialização no jornalismo dedicada a informar, divulgar e opinar sobre temas ambientais nos diferentes meios de comunicação.

Para Gelós (2008), é uma especialização mais ampla e complexa das especializações no jornalismo porque reúne com igual ênfase os aspectos científicos, sociais, políticos, econômicos, culturais e éticos. Sem esta ampla visão da realidade, o trabalho jornalístico corre o risco de fragmentar a realidade e oferecer uma visão parcial da mesma, além de reduzir as possibilidades de promover a participação cidadã consciente. Na opinião de Gelós o exercício do jornalismo ambiental deve ter como objetivos: despertar consciência ambiental onde não há; buscar especialmente o porquê dos problemas ambientais; deve lutar contra visões fragmentadas da realidade; gerar debates e discussões sobre os temas ambientais que afetam a comunidade, entre outros.

A informação ambiental de qualidade e em quantidade suficiente no jornalismo pode contribuir na mobilização da sociedade. Informação de qualidade no jornalismo ambiental significa para Berna (2008) uma informação que mostre os fatos geradores da crise ambiental, ou seja, que revele as raízes dos problemas ambientais, para que as pessoas tomem consciência e possam atuar sobre as causas. Por outro lado, Berna (2008, p.89) ressalta que as “informações ambientais deficientes, mentirosas ou incompletas, podem levar a desmobilização da cidadania”.

Sendo assim, o jornalista deve ter uma visão de mundo holística e sistêmica de que na raiz dos problemas ambientais existe um modelo econômico, cultural, político e espiritual de apropriação dos recursos naturais que valoriza e estimula o individualismo, o materialismo e a concentração de renda para poucos, e por outro lado, miséria, degradação ambiental e esgotamento dos recursos naturais para muitos. A solução dos problemas não está no regime político, mas na forma como nos apropriamos dos recursos e como distribuimos os bens dessa apropriação, conforme explica Berna:

Seja em regimes totalitários ou democráticos, ao denunciar ou mesmo dar publicidade aos problemas ambientais, a mídia naturalmente ameaça privilégios e interesses poderosos. Aqui no Brasil, onde a democracia e as instituições funcionam, são comuns casos de ambientalistas ameaçados ainda hoje, e muitos assassinados e seus algozes permanecem impunes. (BERNA, 2008, p.90)

A prática de um jornalismo ambiental independente é fundamental para assegurar que nenhum grande grupo econômico ou político possa deter o controle da informação de qualidade. O fazer do jornalismo ambiental é um grande desafio para os veículos de comunicação, pois essa independência econômica nem sempre é possível porque administradores públicos e empresários não aceitam as críticas como parte das regras do jogo para aperfeiçoamento do sistema ambiental.

Mesmo diante das dificuldades, cabe justificar a importância da prática do jornalismo ambiental em nosso tempo. Gelós (2008, p.71) destaca que o jornalismo ambiental é o ponto de partida para alguns postulados-chaves: a qualidade de vida e qualidade ambiental são um direito das pessoas; sem ecossistemas saudáveis e equilibrados as pessoas não terão condições de alcançar níveis dignos de condições de vida; a destruição ambiental gera pobreza, muitas vezes como consequência de empreendimentos bem sucedidos, não ecológicos e socialmente injustos; e a visão holística e sistêmica em relação aos problemas ambientais globais e locais.

De acordo com Bueno (2008, p.109) o jornalismo ambiental desempenha inúmeras funções e ressalta três delas: a função informativa, a função pedagógica e a função política. A função informativa “preenche a necessidade que os cidadãos têm de estar em dia com os principais temas que abrangem a questão ambiental”. A função pedagógica “diz respeito a explicitação das causas e soluções para os problemas ambientais e à indicação de caminhos”. A função política é entendida em um sentido mais amplo: “tem a ver com a mobilização dos cidadãos para fazer frente aos interesses que condicionam o agravamento da questão ambiental” (BUENO, 2008, p. 110).

Podemos afirmar que a função pedagógica é educativa, sendo necessário que os jornalistas se percebam como agentes de transformação social e coloquem sua profissão a serviço da melhoria da qualidade de vida.

### **3. Características do discurso jornalístico**

O discurso jornalístico caracteriza-se pela aptidão de incorporar e mediar os discursos de vários protagonistas dos processos sociais. Isso faz do jornalismo um cenário de redes interlocutivas e uma linguagem organizada de interesses em competição das fontes que querem ver publicados os conteúdos de seus interesses. Sendo assim, uma característica do jornalismo é o tratamento dos discursos ideológicos que provêm, em maior escala, dos setores dominantes das sociedades. O mesmo ocorre em instituições como a universidade, as escolas de ensino fundamental e médio, produtores artísticos e de recreação. No entanto, a visibilidade da presença desse discurso no jornalismo é maior, uma vez que suas mensagens são mais explícitas e se reportam a assuntos de interesse imediato.

De acordo com Muñoz (1999), os gêneros jornalísticos são as diversas modalidades de criação linguística que caracterizam as diferentes estruturas do texto jornalístico. Eles podem ser classificados nos gêneros informativos, interpretativos e opinativos, mas há também o misto de informação e interpretação e o misto de interpretação e opinião. O gênero informativo predomina no jornalismo, apresenta estrutura linear, estilo e linguagem impessoal, transcrição objetiva de entrevistas e desenvolvimento cronológico. O gênero misto de informação e interpretação é predominante no artigo biográfico, artigo especializado (ciência, política, arte, história, economia, etc), roda de imprensa (jornalistas de vários veículos entrevistam a mesma fonte ao mesmo tempo), crônica e resenha. A reportagem de investigação, a entrevista (seu conteúdo poderá ser maior ou menor grau informativo, interpretativo e de opinião) é predominante no gênero interpretativo. As cartas ao diretor da publicação, variedades, curiosidades, esclarecimentos de dúvidas e conselhos estão presente no gênero misto de interpretação e opinião. O gênero opinativo se apresenta em editorial, coluna, crítica, ensaio, sessão de opinião e debates.

No texto jornalístico, as formas de citação usuais são o discurso direto e o indireto. Para Bakhtin o discurso indireto se distingue claramente do discurso direto pela sintaxe (pelo emprego dos tempos, dos modos, das conjunções, de expressões, etc) e pela transposição literal, palavra por palavra, na enunciação direta, enquanto que o discurso indireto tem uma tendência analítica. Desta forma, o gênero jornalístico informativo se enquadra em um discurso direto e os gêneros interpretativo e opinativo no discurso indireto.

A responsabilidade que se impõe ao jornalista é que faça uma citação conforme a essência dos fatos, evitando a interpretação segundo sua ótica pessoal. Ainda assim, quem cita escolhe o que cita e, de muitas maneiras, assume posições em face da citação.

Bakhtin observa que quem apreende a enunciação de outrem "não é um ser mudo, privado de palavra, mas, ao contrário, um ser cheio de palavras interiores" e explica que

As palavras e expressões de outrem integrados no discurso indireto e percebidos na sua especificidade (particularmente quando são postos entre aspas), sofrem de "estranhamento", para usar a linguagem dos formalistas, um estranhamento que se dá justamente na direção que convém ao autor: elas adquirem relevo, "sua coloração" se destaca mais claramente, mas ao mesmo tempo elas se acomodam aos matizes da atitude do autor – sua ironia, humor, etc. (BAKHTIN, 2004, p.163)

Pelo jornalismo passam discursos ideológicos que provêm, em maior escala, dos setores dominantes das sociedades. A visibilidade da presença desse discurso no jornalismo muitas vezes se dá de maneira explícita e se reporta a assuntos de interesse imediato. Para Bakhtin o discurso escrito é parte integrante de uma discussão ideológica e concordo com ele quando afirma:

Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma *fração* de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política, etc). Mas essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento da evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado. (BAKHTIN, 2004:123)

Bakhtin propõe uma reflexão sociológica da palavra, levando em conta toda a relação entre o indivíduo como sujeito da linguagem, que apreende e constrói significados em suas interações sociais, sendo um participante ativo no processo de significação/interação com a realidade.

Por ser um veículo formador de opinião, existem dentro da estrutura da redação e edição de uma notícia verdadeiros labirintos, que atuam como filtros da notícia para atender os interesses editoriais. Iniciando-se pela pauta e passando pelo estilo adotado pelos veículos, que através de manuais de normas e estilo impõem uma segunda limitação na hora de se escrever um texto para jornal ou revista. Concordo com Rossi (2000:25) quando diz que na prática do jornalismo há normas, mas estas são mais de forma do que estilo, que igualmente condicionam o trabalho do jornalista.

Outros filtros podem ser citados: o editor, que se ocupa da editoria e comanda os seus repórteres, a chefia de reportagem, que decide se o enfoque dado pelo repórter é o correto ou precisa ser refeito, e, nesse caso, o redator é chamado para refazer ou adequar a matéria, podendo com isso omitir informações tidas como importantes pelo repórter que

levantou o material primário junto às fontes. O tamanho do texto e do título, bem como a forma de diagramação, os destaques que são dados na hora de se esboçar o *layout* da página do jornal ou da revista são outros filtros visíveis de informação. “É evidente que uma notícia publicada com um título forte chamará mais atenção do que outra com um título pequeno. (...) É também óbvio que uma reportagem colocada no alto de uma página atrai mais a atenção que outra, escondida num canto de página”, afirma Rossi. (2000:44)

#### **4. Descrição da Pesquisa e Metodologia**

Neste trabalho são analisadas as matérias da amostra selecionada das edições de março de 2014 do jornal A Gazeta do Iguaçu. Optou-se pelo jornal A Gazeta do Iguaçu por ser único periódico local e de referência na região trinacional. O corpus foi coletado de 27 edições e verificou-se que foram publicadas 37 matérias que abordaram problemas relacionados ao lixo urbano e dengue, alagamentos em bairros de Foz do Iguaçu, revitalização da Ponte da Amizade (Brasil-Paraguai), prejuízos das lavouras devido à falta de chuva e insegurança dos pescadores da região de fronteira. As atividades da Semana da Água em Foz do Iguaçu, revitalização de praças em Foz do Iguaçu e a construção a segunda ponte entre o Brasil e o Paraguai também foram outros temas abordados pelo jornal.

Ao analisarmos o gênero jornalístico, verificamos que todas as 37 matérias se enquadram no gênero informativo, sendo que em oitenta por cento das matérias predominam a citação apenas de fontes oficiais. Identificou-se também que dez por cento das matérias do corpus trazem matérias assinadas pela Agência Estadual de Notícias (2) Agência Municipal de Notícias (1) e Departamento de Imprensa da Itaipu Binacional (2).

##### **4.1. Análise dos textos**

Após a análise das temáticas, fontes e gênero jornalístico predominantes nas matérias do corpus, se procedeu a seleção de quatro matérias para a análise dos textos. Em relação às marcas linguísticas verificou-se que as palavras alagamentos e mananciais (nascentes, rios, etc) apareceram com mais frequência nas matérias, principalmente porque o mês de março foi bastante chuvoso na cidade de Foz do Iguaçu. Neste trabalho são analisadas quatro matérias publicadas nas edições dos dias 7 de março, 14 de março, 15/16 de março e 22/23 de março.

### **Texto 1: 07/3/2014**

Título: Chuva carrega parte da ponte sobre o rio Boicy

Linha fina: Prefeitura isolou a área para impedir queda de pedestres e inicia trabalhos para substituição da ponte na rua Tibagi

O que é dito

O primeiro parágrafo diz *“que as fortes chuvas que ocorreram desde terça-feira de carnaval provocaram a queda da calçada sobre a ponte do rio Boicy, na rua Tibagi, no Campos do Iguaçu. O local foi isolado para evitar acidentes com pedestres e por determinação do prefeito Reni Pereira, o cronograma de obras para adequações das pontes sobre o rio Boicy que corta a cidade será alterado”*. O parágrafo seguinte diz que o prefeito vistoriou o local do desmoronamento e recordou que depois da enchente de 2 de janeiro, quando a parte inferior da ponte foi derrubada pela forte vazão das águas, e procurou o Ministério da Integração Nacional e os recursos disponíveis para reconstrução de obras que haviam sido destruídas pela enchente, problema que vinha se arrastando desde 2012 porque a ponte não comportava o volume das águas em períodos de fortes chuvas.

Do quarto parágrafo em diante o texto dá detalhes sobre como as obras serão executadas pela empreiteira vencedora da licitação e utiliza como fonte o engenheiro Evori Roberto Patzlaff, diretor de obras da Secretaria de Obras da prefeitura de Foz do Iguaçu. No texto *“ele destacou que o objetivo é aumentar a vazão para passagem da água, hoje muito superior a do passado, já que grande parte do terreno no entorno da bacia do rio Boicy foi impermeabilizada com habitações e asfaltamento de ruas e calçadas”*. O projeto prevê erguer a ponte de 2,5 metro para 3,5 metro para dar mais passagem a vazão.

No último parágrafo o texto diz que *“parte da estrutura que ruiu no final do ano passado encontra-se em ótimas condições, será reaproveitada num outro ponto da cidade”*. Encerra a matéria com o depoimento do prefeito Reni Pereira: *“será uma surpresa para a região do Porto Meira, porque queremos ligar três bairros com essas vigas. Elas são reaproveitáveis e queremos interligar algumas ruas. Uma delas é a rua Boto”*.

Não dito

O texto não aborda o impacto do problema da ponte na vida da comunidade, seja para os pedestres ou os moradores que tem carro e utilizam ponte para o deslocamento na



região. O texto dá pistas que sobre a causa do problema, mas não apresenta dados além da justificativa do diretor de obras, ou seja, como isso ocorreu e as consequências para a região.

Conclusão: A matéria se classifica no gênero informativo. O fato de o texto estar baseado em fontes oficiais, também leva a uma confirmação de que há uma visão unilateral na concepção da matéria.

### **Texto 2: 14/3/2014**

Título: Vila Portes pede solução para os problemas de alagamentos

Linha fina: Vereadores debatem assunto e propõem instalação de novas galerias pluviais

O que é dito

O título da matéria aponta que a *Vila Portes pede solução para os problemas de alagamentos na região* e a linha fina diz que os *vereadores debatem o assunto e propõem instalação de novas galerias*. O início da matéria destaca que os problemas de alagamento foram amplamente debatidos na sessão do dia 13 de março da Câmara de Vereadores e resultaram no requerimento de dois vereadores, aprovado por unanimidade, “*propondo a instalação de novas galerias pluviais como solução definitiva para as constantes inundações, com a justificativa de que por diversas vezes foi feita uma limpeza nas galerias fluviais, porém não resolveu, e o problema vai se agravando cada vez mais*”.

O texto da matéria explica que os vereadores Gessani da Silva e Nilton Bobato visitaram os comerciantes e fizeram um relatório com fotos e depoimentos dos atingidos com os alagamentos. *Segundo Bobato, quando da instalação das galerias houve uma falha de engenharia porque na área, principalmente, da Rua Cassiano Ricardo, e vias paralelas a água acumula. As galerias não foram projetadas para suportar o volume de água. “Essas galerias precisam ser substituídas com urgência por outras mais amplas, porque qualquer chuva provoca alagamentos”, apontou Bobato.*

Em outro trecho, *o vereador Gessani da Silva complementou que acompanha a situação há algum tempo e sabe de problemas também em outros locais*. O vereador Dilto Vitorassi diz que “*irregulares em loteamentos existem não só de documentação, mas também quando deixam de respeitar os mananciais. Há problemas em muitos locais onde o*

*diâmetro das galerias foi mal projetado. Precisa de uma bitola maior e fica a minha sugestão de criarmos um grupo de estudo para isso”.*

Em seguida a matéria cita a fala do presidente da Câmara, José Carlos, que recorre a um discurso do passado para lembrar que em 2012 entrou com um requerimento para discutir os problemas de alagamento na cidade e diz *“a cidade sofre com um problema da falta de planejamento, vindo de muitas gestões passadas (...); o momento é de o município tratar a questão como prioridade e rever todo o sistema de águas pluviais nas áreas mais críticas porque as galerias estão saturadas”.*

Outros três vereadores manifestaram sua opinião de que o problema é grave e se estende a diversos pontos da cidade nos bairros do Porto Meira, Jardim Itaipu, São Luiz, Três Pinheiros e no centro.

Não dito

Há um silenciamento em relação à explicação das causas do problema do alagamento, embora as falas dos vereadores evidenciem o problema crítico do alagamento não só na Vila Portes como em outras regiões da cidade. A matéria também não apresenta personagem que represente a comunidade.

Conclusão: Predomina somente a fonte oficial dos vereadores, por se tratar de uma cobertura jornalística da sessão da Câmara com ênfase no problema de alagamento da Vila Portes. Embora o tema seja de interesse dos comerciantes, a matéria não apresenta personagem que represente a comunidade e também não busca outras informações junto à secretaria de obras e meio ambiente para melhor explicação das causas e entendimento do problema. Portanto, há um fechamento de foco na cobertura e houve um silenciamento do jornal em relação ao problema nas edições seguintes analisadas. É certo que o problema dos alagamentos estão relacionados a questão dos entulhos nas galerias e ao tamanho insuficiente das galerias para a vazão das águas das chuvas.

### **Texto 3: 15 e 16/3/2014**

Título: Comissão protocola relatório final sobre os loteamentos irregulares

Linha fina: Dentre várias providências, CI da Câmara pedirá intervenção da Justiça para assegurar direito dos moradores às escrituras.

O que é dito

O título da matéria “Comissão protocola relatório final sobre os loteamentos irregulares” e a linha-fina “dentre várias providências, a CI da Câmara pedirá intervenção da Justiça para assegurar direito dos moradores às escrituras” indica o posicionamento do jornal de valorização da ação desenvolvida pela comissão da Câmara de Vereadores de Foz do Iguaçu. A foto que ilustra a página da matéria indica o ato em que o presidente da comissão assina o relatório ao lado dos outros quatro vereadores integrantes da CI, ou seja, reforça o trabalho realizado pelos vereadores.

Os dois primeiros parágrafos da matéria explicam que o relatório da comissão tem 70 páginas e foi o resultado do trabalho de nove meses de investigação para mapeamento dos problemas em 34 loteamentos de Foz do Iguaçu. Destaca ainda que a comissão irá pedir intervenção do Ministério Público *para que acione a justiça no sentido de garantir aos proprietários as escrituras dos imóveis penhorados* pelos bancos.

Os quatro parágrafos seguintes apontam algumas irregularidades como loteamentos sem registro em cartório, falta de escritura definitiva e ausência de infraestrutura básica, citando como fontes o presidente e relator da comissão. O presidente diz que *dois loteamentos como os jardins Evangélicos e São Luiz foram liberados em cima de mananciais e atualmente os moradores sofrem com alagamentos*. Especificamente em relação ao problema de infraestrutura, a comissão sugere o encaminhamento de *cobrar do município e da Sanepar (companhia de saneamento) a realização de galerias pluviais e saneamento básico, especialmente nas áreas de nascentes*.

A matéria relaciona os nove encaminhamentos sugeridos pela comissão no sentido de solucionar os problemas identificados nos loteamentos irregulares, mas não explica quais são os problemas apontados pela CI

Não dito

Novamente verifica-se o silenciamento em relação a explicação das causas, principalmente porque a matéria cita vários problemas mapeados em 34 loteamentos. Por meio de infográficos e outros recursos jornalísticos a matéria poderia deixar claro para os leitores o mapeamento destes problemas nos respectivos bairros. Além disso, a matéria não informa quais são os problemas que deverão ser tratados em relação a cada um dos nove encaminhamentos sugeridos.

Conclusão: O gênero jornalístico é informativo e com uma abordagem unilateral, ou seja, que atende interesse da fonte oficial (câmara de vereadores). O texto jornalístico demonstra interesse específico da fonte e não explica as irregularidades e as responsabilidades de agentes públicos na liberação dos loteamentos. Vale ressaltar que dois dias após a publicação dessa matéria o relatório da comissão foi apresentado na sessão da câmara de vereadores, mas o jornal não abordou o tema nas edições seguintes do jornal. Sendo assim, verifica-se que o jornal não dá continuidade ou desdobramentos dos assuntos noticiados.

#### **Texto 4: 22 e 23/3/2014**

Título: Chuvas atrapalham obras em ponte no Campos do Iguaçu

Linha fina: Rua Tibagi permanecerá interditada por um período de 60 dias

O que é dito

O primeiro parágrafo da matéria é uma explicação do título e da linha fina. A fonte entrevistada é o diretor do departamento de obras da prefeitura de Foz do Iguaçu, Evori Patzlaff. O texto cita detalhes técnicos da ponte que desabou no bairro Campos do Iguaçu e que o projeto completo é de construção e adequação de quatro pontes sobre o rio Boicy. *“Interditamos e começamos o trabalho na rua Tibagi porque era o local mais crítico. Ao mesmo tempo outra frente iniciará o trabalho no centro – rua Mato Grosso e Edmundo de Barros – e na sequência na rua Amazonas, também no Campos do Iguaçu. Precisamos desobstruindo no sentido da Foz para a nascente do rio para não agravar os transtornos, caso aconteçam enchentes durante o período das obras”*, informou Evori.

Em seguida, o texto apresenta detalhes sobre a obra e os problemas nas pontes das ruas Tibagi e Amazonas. *“Na rua Tibagi a situação é crítica devido ao rompimento das pilastras da ponte. Parte da estrutura caiu levando junto uma boa parte da calçada. Na rua Amazonas a estrutura também cedeu e havia muito entulho agravando o problema da vazão. A limpeza foi realizada em todos os pontos que vão receber obras”*.

Os três últimos parágrafos da matéria aborda sobre a aplicação dos recursos federais no valor total de quase R\$ 2,5 milhões e o nome da empreiteira responsável pela execução da obra em um prazo de 280 dias. O prefeito Reni Pereira diz *“vamos construir pontes pré moldadas, com vigas para aumentar a vazão. Na rua Tibagi serão 9,6 metros de vão livre com altura de 3,5 metros”*. Encerrando a matéria tem outra citação do prefeito explicando

*“que uma ponte será construída na rua Boto com um vão livre de 5 metros com 2,5 de altura no Porto Meira”* e servirá para ligar os bairros de Vila Adriana II, Profilurb II e o Jardim das Flores.

Não dito:

Embora seja um problema ambiental que afeta várias comunidades, o texto não traz depoimentos de personagens da comunidade sobre o impacto na vida das pessoas.

Conclusão: O predomínio é de uma fonte oficial (prefeitura municipal) com citação de depoimentos do diretor de obras e o prefeito municipal. O gênero é informativo e com informações técnicas sobre as obras. O texto leva à conclusão de que há uma visão unilateral na concepção da matéria e não aponta o pensamento da comunidade sobre o tema.

## **5. Considerações finais**

Por meio das análises das matérias, é possível aferir que o jornalismo ambiental não é praticado no jornal A Gazeta do Iguaçu. Há uma predominância das fontes oficiais em todas as matérias e uma abordagem unilateral de temas relacionados a problemas ambientais. Embora as fontes abordem problemas ambientais citados, as matérias não apresentam desdobramentos sobre as causas e possíveis soluções, principalmente porque reproduz o discurso da fonte oficial. Verifica-se também a ausência de conexões entre as matérias que tratam do mesmo tema ou cenários semelhantes. É como se o passado estivesse adormecido ou intocável. A ausência de diferentes atores sociais como fontes pode ser um indício do jornal não quer confrontar a opinião das fontes oficiais, apesar de usá-las. Dessa forma, os textos mostram-se unilaterais por não darem espaço ao pronunciamento de outra voz.

Considerando que as fontes oficiais são as que mais acesso tem aos veículos de comunicação, constituindo um importante sustentáculo das relações de poder instituídas, o jornal é agente de legitimação da ordem existente e reproduz os traços típicos de uma cultura política local. O argumento que prevalece é inerentemente tendencioso. Portanto, as matérias apresentam informações unilaterais e distantes da prática do jornalismo ambiental.

Sugere-se adotar uma prática de jornalismo de interesse público no tratamento de todas as pautas cotidianas, não somente para o acompanhamento das questões ambientais. É

um compromisso do jornalismo manter a população informada sobre os acontecimentos, especialmente sobre a ação dos homens sobre a natureza, mas também despertá-la para que possa se organizar e se mobilizar para exigir ações que levem em consideração o cuidado com o local onde vivemos. Outro grande desafio é a formação de um jornalista preparado para trabalhar diferentes temas que se relacionam com os aspectos do meio ambiente e que desempenhe a função pedagógica do jornalismo ambiental. Sendo assim, o profissional deve ser capaz de sistematizar conceitos, disseminar informações, conhecimentos e vivências que contribuam para que o cidadão comum participe do debate. O dever do jornalista está não somente em alertar as pessoas sobre os perigos que a cercam, mas também de acompanhar tais ameaças e em mantê-las informadas sobre as ações tomadas para resolver os problemas.

Apresentamos a seguir algumas recomendações de Gelós para atuação no jornalismo ambiental:

1. Ir além do fato e da notícia do momento. Abordar a reportagem com a história, a origem e a evolução dos fenômenos considerados.
2. Identificar os diferentes fatores e protagonistas que interferem no problema ambiental, assim como tratar de estabelecer os distintos graus de responsabilidades.
3. Das cinco perguntas clássicas que todo jornalista deve responder – o que, como, onde, quando, porque – a mais importante para o jornalista ambiental é porque. Portanto, deve-se buscar as explicações do que está ocorrendo.
4. Nos temas relacionados a mudanças climáticas, além do porque, o desafio do jornalista ambiental é informar e opinar sobre os aspectos mais relevantes para o público em relação aos seguintes aspectos: perspectivas, cenários futuros, vulnerabilidade, impacto sobre a comunidade, medidas para diminuir os danos ambientais e melhorar a qualidade de vida das comunidades atingidas, medidas de adaptação para prevenir os danos e efeitos negativos, entre outros.

Diante destas considerações podemos concluir que o jornalista e o veículo de comunicação têm uma dimensão importante para a sociedade: eles se relacionam com a produção, o armazenamento e a circulação de informações que são significativas para a vida dos indivíduos. Para concluir, quero chamar a atenção para a responsabilidade do jornalista ao escrever um texto que poderá transformar positivamente ou negativamente a vida de milhares de pessoas. Por isso, concordo com Thompson (1998:21) quando diz que a posição que um indivíduo ocupa dentro de uma instituição é muito estreitamente ligada ao

poder que ele ou ela possui. “No sentido geral, poder é a capacidade de agir para alcançar os próprios objetivos ou interesses, a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e em suas consequências”, afirma Thompson.

Sendo assim, é necessário conhecimento, espírito investigativo e incorporar a visão sistêmica no fazer jornalístico para que as narrativas construídas mostrem as ‘conexões ocultas’. É de fundamental importância a análise e reflexão da prática do jornalismo nas questões ambientais. Essa situação nos permite verificar os erros, os acertos e apontar caminhos que possam melhorar a prática jornalística, a qualidade da informação transmitida ao público leitor dos jornais e à sociedade em geral de forma a contribuir no conhecimento e debate sobre os temas ambientais que afetam a qualidade de vida do homem e dos seres vivos no planeta.

## 6. REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.
- BERNA, Vilmar Sidnei Demamam. **Desafios para a Comunicação Ambiental**, páginas 89-104. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho e SCHWAAB, Regis Toni (organizadores). *Jornalismo Ambiental – Desafios e Reflexões*. Porto Alegre: Editora Dom Quixote, 2008.
- BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito**, páginas 105-118. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho e SCHWAAB, Regis Toni (organizadores). *Jornalismo Ambiental – Desafios e Reflexões*. Porto Alegre: Editora Dom Quixote, 2008.
- CAPRA, Frijot. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.
- GELÓS, Hernán Sorheut. **Periodismo Ambiental: eje comunicacional del siglo XXI**, páginas 67-74. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho e SCHWAAB, Regis Toni (organizadores). *Jornalismo Ambiental – Desafios e Reflexões*. Porto Alegre: Editora Dom Quixote, 2008.
- GIRARDI, Ilza Maria Tourinho et al. **Jornalismo e Sustentabilidade: as armadilhas do discurso**, páginas 47-62. GIRARDI, Ilza Maria Tourinho, LOOSE, Eloisa Beling e BAUMONT, Clarissa Cerveira de (organizadores). *Ecos do Planeta: estudos sobre informação e jornalismo ambiental*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.
- MUÑOZ, J.J. **Los Géneros Periodísticos**, páginas 121-152. in: Redacción Periodística. Salamanca: Cervantes, 1999.
- ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. 7 ed. São Paulo, Brasiliense, 2000.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 2002.